

RES NON VERBA

Aprofundar a “exportabilidade” da economia deve ser a palavra de ordem, não substituir importações.

Márcio G. P. Garcia¹
31 de outubro de 2002

A democracia brasileira impressionou o mundo. Parabéns aos vencedores. Pouco importa que o PT agora tenha mudado 180 graus suas declarações sobre política econômica. O que importa é levar a cabo políticas sensatas que possam conduzir o país ao crescimento auto-sustentado e à redução da miséria e da pobreza. Espera-se dos agora opositores coerência com o que defendiam quando no poder.

O mercado financeiro, nacional e internacional, aguarda ansiosamente as ações do novo governo. Ainda que totalmente imprópria, a declaração do boquirroto ministro das finanças dos EUA revela precisamente as desconfianças do “mercado”. Lula disse na sua entrevista ao Jornal Nacional que a campanha tinha sido minuciosamente planejada. Daí seu sucesso. O desafio maior é agora, onde não bastarão as palavras. Serão necessários fatos.

A postura do mercado financeiro internacional pode ser classificada como um “ceticismo otimista”. Ou seja, o mercado ouviu e gostou das novas posturas da esquerda brasileira no poder. Mas ainda não está disposto a financiar. Só à vista. Repercutiu muito bem a recusa em rediscutir agora as dívidas estaduais e municipais, e o dólar caiu. Assim será: a cada entrega, haverá um pagamento. Sem adiantamentos em confiança. E atrasos nas entregas podem reverter o processo. Pode ser injusto e duro, mas é assim.

A grande oportunidade da qual o novo presidente pode e deve se aproveitar é que a deterioração da situação advém em grande parte da incerteza sobre o que faria o PT no poder. Basta portanto o novo governo mostrar que os piores temores de descontrole fiscal e monetário não se realizarão. Isto poderá desencadear um círculo virtuoso que em muito reduzirá os custos dessas políticas geralmente contracionistas. Caso a melhora das expectativas quanto ao governo Lula coincida com uma ampliação da liquidez internacional para investimentos de risco, então é mesmo possível que políticas ditas contracionistas levem à expansão do investimento e do produto.²

Mas a realidade sempre revela surpresas. E não se pode planejar navegar só sob tempo bom. É preciso perseverar sob condições adversas. Para poder cumprir a meta de eliminar a fome no Brasil, Lula precisará de políticas econômicas que inspirem confiança.

Várias medidas poderiam vir já nesta primeira hora para criar um momento inicial favorável. O aumento do superávit primário serviria para dissipar as dúvidas quanto à disposição do novo governo de manter o serviço regular da dívida pública, sem criar “eventos de crédito” (calotes) ou impor controles cambiais. Isso exigiria assegurar que gastos adicionais, como aumentos extras do salário mínimo ou reajustes generalizados do funcionalismo público, sejam condicionados à estrita preservação da meta para o superávit primário. Tampouco seria possível transigir quanto à renegociação as dívidas dos estados e municípios na atual conjuntura. Mais à frente, as reformas tributária e da previdência imporão um pesado teste à capacidade de negociação do atual governo.

¹ Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio e professor visitante do Center for Research on Economic Development and Policy Reform-Stanford University escreve mensalmente neste espaço às sextas-feiras (<http://www.econ.puc-rio.br/mgarcia>).

² O artigo “Brazil in the 21st Century: How to Escape the High Real Interest Trap?”, disponível no sítio <http://www.econ.puc-rio.br/mgarcia> desenvolve formalmente este argumento.

A outra medida fundamental é prover autonomia operacional ao Banco Central. Tal autonomia foi conferida de fato, mas não de direito, pelo atual presidente, sem que isso prejudicasse substancialmente a credibilidade da política monetária. A reputação do novo presidente nessa matéria não lhe permitirá tal possibilidade. É preciso mostrar que o novo governo não vai recorrer à inflação para resolver seus problemas orçamentários.

Mesmo gozando de credibilidade, a política monetária depois da flutuação não foi capaz de reduzir a taxa real de juros para os níveis desejados, bem abaixo dos dois dígitos. Tal situação deriva da fragilidade da nossa economia em relação a choques negativos nos fluxos de capitais externos.

A economia brasileira, em relação à sua integração comercial e financeira no mundo, passa por uma fase que pode ser comparada à adolescência. A integração oferece muitos benefícios, tal como os da vida adulta. Não obstante, impõe uma série de limitações, e, pior de tudo, acaba com a ilusão infantil de que se pode viver em autarquia. O Brasil já deu vários passos na direção de mais bem se integrar na economia mundial, mas falta completar a transição. Em momentos ruins, como o atual, é natural que se contemple a idéia de se retornar à infância, com sua mágica independência.

É fundamental que o novo governo resista à tal mudança de curso. Políticas de distribuição de subsídios e proteção a produtores nacionais, à guisa de incentivos à substituição de importação representam o caminho oposto ao que pode levar o Brasil ao crescimento sustentado. É preciso negociar em foros internacionais por menor proteção contra nossos produtos de exportação e por uma arquitetura financeira que não nos submeta a tantas e tão profundas crises de liquidez. Isto deve ser feito mantendo e aprofundando a abertura comercial da economia, não revertendo o duro caminho percorrido até aqui.

Aprofundar a “exportabilidade” da economia deve ser a palavra de ordem, não substituir importações. O processo de substituição de importações decorrerá naturalmente do aumento da produtividade dos produtores nacionais e da modificação da taxa de câmbio real, como já vem ocorrendo, apesar da recessão mundial.

Lula e outros líderes do PT têm enfatizado a capacidade negociadora como um grande ativo. Não obstante, para que os ideais deixem de ser peça de propaganda eleitoral, é preciso que o novo governo tenha clareza quanto às políticas econômicas a serem seguidas, e lidere as negociações entre os diversos setores da sociedade de forma a obter resultados compatíveis com o crescimento auto-sustentado. Este desafio começa agora a ser enfrentado com fatos, e não mais só as palavras, do novo presidente. Boa sorte para ele. E para todos nós.